



O diálogo analítico: Constituição e transformação de mundos possíveis

*Antonino Ferro**, Itália

O Autor apresenta, no presente trabalho, idéias e reflexões sobre o que ocorre no campo analítico, no qual interagem a mente do analista e do paciente. Mostra o intenso trabalho que deve ocorrer na mente do analista – e como essa deve ser permeável – para que as transformações ocorram e se mantenham na mente do paciente.



* Membro da Sociedade Psicanalítica Italiana.





Antonino Ferro

“Eu já disse que é importante fazer jogos psicanalíticos no contexto da revisão diária do trabalho analítico; e um jogo precioso consiste em conjecturar quais teriam sido as interpretações e, qual o caminho que o analista poderia ter tomado, se o material tivesse sido classificado de forma totalmente diferente em relação às conjecturas e interpretações por ele efetivamente feitas.”

Bion (*Trasformazioni*, 1963)

“O prefeito observou com atenção: temos a planta para visitar a minha prefeitura?... Mas, quando é que ela estará pronta?... E aí?... É como se estivesse sempre no começo!... Estes motivos não estão fixos e bem presos ao chão. Parece-me, quase, que se formem do nada, e são muitos. E, depois, talvez não se encontrem mais. Isto é, alguém os viu, os contornou e, depois de tudo, inesperadamente, não se consegue saber mais nada. E, portanto, não se pode dizer com segurança se ainda existem em algum lugar ou se desapareceram... interrompem-se as trocas. Isto diz respeito aos informadores, aos bilíngües que estão na fronteira ou que vão e vêm e que, ao menos, nos dizem alguma coisa... Talvez estejam ali esperando que alguém entre... Não se pode definir de uma vez por todas.’... ‘E, então, que planta será feita?’ ‘Eu diria que a planta deve ser feita em papel vegetal, de modo que se possa ver na transparência as folhas que estão em baixo.’... ‘Vamos imprimi-la.’ ‘Eu disse que se podia, mas que as suas prefeituras possuem alguma coisa de estranho: que, talvez, dependam dos olhos de quem as visita. E mesmo que alguém torne a ver uma terra ou uma população daquelas, não se pode dizer que seja sempre a mesma, ou que seja a mesma que um outro já viu. Porque a ele, talvez, pareça completamente diferente, dependendo de como a observa ou do seu estado de espírito no momento de entrar. Portanto, pode-se pensar até mesmo que seja uma outra terra, na hora da descoberta... ‘O papel vegetal, para mim, tem a vantagem de deixar a situação um pouco incerta; porque permite entrar todas as figuras em transparências e não permite dizer que são as mesmas, nem que são diferentes.’... ‘Assim conseguimos ler através; não, ao contrário, lemos dentro, em diversas profundidades, todas as nossas razões, como se fossem... em tantos níveis... Eis que a planta a fazemos assim, nós a lemos penetrando com os olhos sempre mais para dentro, um motivo depois do outro, de acordo com aquilo que nos contaram. E depois pode-se crer que seja sempre o mesmo motivo, mas que cada um o conte de um modo diferente.’... ‘Seria bonito um mapa de água, assim os limites das nossas razões flutuariam, como acontece na realidade;... e se, depois, formam-se correntes dentro do mapa, a tinta da tipografia expande-se e desfia-se, como as nuvens quando há vento. E se nós





imprimimos na água palavras ou cores para indicar as montanhas e os prados onde pastam as tribos dos habitantes, se nós imprimimos um traço ou uma tela para indicar os vales nebulosos, ou alguns pequenos círculos para os ninhos das madonas, lentamente, pela natureza da água, todo esse conjunto denso de sinais dilui-se e forma algumas sombras ou algumas estrias; ou um arco-íris que brilha e que se vê com grande prazer.'... estava escutando-me, vendo com os olhos da imaginação que as linhas de impressão e as letras nadam neste mapa líquido, a decompor-se e depois recompor-se, de forma a sugerir uma geografia que transcorre diante do olhar e se colore como um tecido mutável..."

E. Cavazzoni, *Il poema dei lunatici*

Premissa

Gostaria de iniciar pela constatação que, cada vez mais considero uma sessão, desde os seus primeiríssimos momentos aberta a infinitos desenvolvimentos possíveis, entre esses como hão de interagir analista e paciente, como hão de se dar e, sobretudo, que jogo de emoções despertarão. Existem tantos pontos-chave lingüístico-emotivos que não se pode pensar, uma sessão senão como um canto da "obra aberta" (Eco, 1962), embora, por outro lado, seja fundamental o seguinte:

- a) que exista no caminho que se seguirá, um gradiente $\beta \rightarrow \alpha$ positivo, em favor do paciente;
- b) que o desenvolvimento da sessão tenha como "limite" a relação com a transferência compreendida como repetição e com a transferência compreendida como projeção da fantasia inconsciente do paciente;
- c) que permita o desenvolvimento da "história" útil ao paciente, e não a confirmação das teorias do analista (ou, pelo menos, que esta confirmação não impeça exageradamente o processo $\beta \rightarrow \alpha$);
- d) que se possa aceitar o fato que são inúmeras as possibilidades de "histórias" que podem ser construídas com o paciente; e que cada modelo corresponde a uma história de um dialeto diferente: aquele da infância, do mundo interno, da relação atual, etc..

Acredito que, além disso, a resposta do paciente seja aquela que nos permita nos orientarmos no percursos, se consideramos a presença de três elementos nela:

- 1) uma quota de transferência como repetição;
- 2) uma quota de transferência como projeção da fantasia inconsciente;
- 3) a organização de tudo isso por parte do pensamento onírico do estado de





Antonino Ferro

vigília “que sonha” a resposta ao estímulo interpretativo em tempo real.

Acredito, ainda, que seja importante poder relativizar a própria teoria, não como a mais verdadeira, mas como a mais adequada a fazer funcionar analiticamente o analista, sempre que a maior parte do material através da qual se constrói, provenha do paciente, da sua história, das suas identificações projetivas.

Auxilia-me, como ativador de pensamentos, a conceituação narratológica relativa aos “mundos possíveis”. Essa é uma noção que se desenvolveu inicialmente no âmbito da lógica modal, estendida à semiótica do texto por autores como Petofi (1975), Van Dijk (1976), Pavel (1976), Eco (1979).

A definição de Platinga (1974) é “*a way the world could have been*”.

Um exemplo muito rico dessas conceituações encontramos no recente filme de Nichetti “*Stefano quante storie*”, no qual, de acordo com o prevalecer de fatos emotivos ou outros, delineiam-se e estruturam-se várias histórias que poderiam ter-se realizado¹.

Os “mundos possíveis” são também entendidos como todas as previsões que o leitor faz com as teorias das quais dispõe, à medida que lê um texto e têm muito a ver com as enciclopédias que frequentemente desviam o leitor do conteúdo do texto e que o fazem construir mundos possíveis que nada têm a ver com aquilo que o texto sugere, desde que se considerem as categorias de “economicidade” da leitura e de “direito do texto” (Eco, 1990)².

A previsão do leitor “em jogar fora”, permanece no esboço (Eco, 1979) de outras histórias possíveis e, na situação analítica ativa, no desenvolvimento de outras histórias determinadas pelas teorias.

Não é, portanto, indiferente a resposta do analista (e ainda mais, não é indiferente a disponibilidade da sua mente em perceber e em deixar-se transitar pelas identificações projetivas). Ao contrário, é a partir dessa que se podem gerar tantas histórias possíveis até as extremas variantes da reação terapêutica negativa, impasse, transferência psicóticas, interrupções (Barale, Ferro, 1992; Ferro, 1993a e b) e, menos dramaticamente, as tantas histórias possíveis no interior de uma análise que funcione, histórias que serão diferentes de acordo com o interagir das duas mentes. Nessa ótica, é necessário compreender os personagens, não somente como referência histórica ou do mundo interno, mas também, como “modalidades expressivas” daquilo que acontece no campo e que necessitam de “entrelaçamentos narrativos” para poderem ser exprimidas.

1. Em uma história Stefano é um Policial, *mas se*, em um determinado momento tivesse prevalecido uma tonalidade emotiva diferente, isso o teria levado a ser um ladrão nessa história, ou se tivesse prevalecido um determinado comportamento do pai ou da mãe, teria sido em tal história um piloto de aviação ou um professor de matemática cuja mulher aeromoça o trai com o piloto...

2. Ver a leitura de “*Um drama davvero parigini*” proposta por ECO em “*Lector in fabula*” (1979).





Ao enfatizar as “transformações narrativas” (Corrao, 1991), pude considerar toda a parte falada de uma sessão sempre comparável com um desenho de características peculiares, uma contínua mobilidade de todos os componentes, como em um quadro vivo.

Fascinante é, sob este ponto-de-vista, seguir a entrada, na sessão, de um “personagem”, o seu movimentar-se, transformar-se, sair de cena para ser substituído, às vezes unir-se a um outro “personagem” (de uma anedota, de uma lembrança, de uma história, de um sonho...), mas sempre dando forma e cor ao que acontece no funcionamento mental da dupla daquele momento.

Modelos diversos interagem de forma diferente em relação aos “quadros vivos” das sessões, mesmo aqueles que, com a pretensão de maior neutralidade entram em construção do campo considerando também o fato que freqüentemente as interpretações se colocam como defesas da mente do analista em relação à quota de dor mental não assimilável e transformável (Ferro, 1993b).

Modulações das tensões do campo e pictogramas emotivos

a) *A máquina de lavar roupas de Claudia: qual o programa?*

Foi necessário postergar em uma hora a sessão de Claudia³.

No início da sessão, enquanto Claudia começa a falar, encontro-me distraído em função de uma grande raiva que sinto, pensando no péssimo serviço postal, que, em função dele, as cartas não são entregues pontualmente e até correm o risco de se perderem.

Torno escutar a paciente que, no momento, conta-me ter visto um filme a cores e um em preto e branco. No primeiro, uma menina rejeitada por uma família mata-se e o irmão, por vingança, mata todos aqueles que tinham causado sua morte. No segundo, havia uma história triste, ambientada em Pavia, de uma moça, esposa de um médico, que morreu dando à luz uma menina que, ao invés, se salvava.

Dentro de mim, não é difícil pensar em uma interpretação exaustiva do conteúdo, mas considerando que outras vezes a paciente mostrou “não ter ainda o espaço” onde colocar as minhas interpretações, faço uma intervenção incompleta, daquelas que como Bezoari (1989), chamamos de interpretações “frágeis”, considerando somente a diferente tonalidade afetiva dos dois filmes.

3. Renunciei à modalidade normal de comunicar-lhe de não poder realizar uma sessão, esperando o eventual pedido de mudança de horário por parte do paciente e, então, respondendo positivamente ou negativamente, de acordo com as reais possibilidades. Mas, sabendo o quanto ela deseja “recuperar” a sessão, eu mesmo lhe propus a mudança.





Antonino Ferro

A paciente, após um breve silêncio, diz: “Lembrei-me de um sonho que tive: lavava alguns dos meus blusões na máquina de lavar com o programa extradelicado, que é o mais indicado para a lã muito delicada, mas como também a centrifugação é extradelicada, os blusões permaneciam ensopados de água e tive medo que pesassem demais no varal.

Pergunto se pensa que a lavagem normal poderia estragar aqueles blusões; ela diz que não, porque afinal foram tantas vezes lavados com o extradelicado que não existe mais o risco de estragarem. E acrescenta que estava pensando na sua irmã Carmen, que uma vez tinha lavado um cobertor que estava ali estendido, mas que ela não podia usá-lo até que se secasse e isto a tinha feito chorar muito.

Nesse ponto, sinto poder fazer com ela a lavagem normal (que é esperada e desejada) e reproduzo, na transferência, os sentimentos relativos ao primeiro filme, os relativos ao segundo, a experiência vivida pela “irmã” que não pode esperar, e a nova capacidade de poder segurar as suas emoções.

A paciente comenta: “Agora entendo toda a raiva que senti ontem, brigando com todo mundo ...” (e eu, por minha vez, a raiva que senti em relação aos carteiros que não entregam pontualmente a correspondência).

b) *O terrorismo basco*

Mimmo é um rapagão de dezessete anos que vem à análise por um mal estar indefinido, que o faz descuidar dos estudos, deixar-se levar, chatear-se e freqüentemente, lamentar-se.

Quando o vejo na porta, com a sua roupa cinza de homem, penso: “Que chato e conformista que deve ser”; parece-me o último remanescente de uma outra época... depois percebo, quase imperceptivelmente, nos seus olhos, alguma coisa que me faz inesperadamente pensar: “ou talvez não... parece um selvagem...”

Os primeiros tempos são duros, com longos silêncios; para meu tédio e sonolência, sinto que existe alguma coisa que ele mantém adormecida, mas não entendo bem o quê, nem encontro caminhos para abrir uma brecha em direção a alguma coisa mais vital.

Continuamos assim até que ocorre um insólito incidente: uma tarde, no inverno, durante o começo de um temporal, de repente, falta luz... não estou preparado para enfrentar essa situação porque, em tantos anos, nunca me tinha acontecido... mas, enquanto permaneço no escuro, sou invadido por um terror indescritível, que até hoje não sei explicar, um verdadeiro pânico, o pavor que Mimmo pudesse pular sobre mim, matar-me, apunhalar-me, esquartejar-me... imagens de uma violência hedionda invadem a minha mente... no entanto, Mimmo continua falando com a mesma voz monótona... volta a luz... a sessão continua... mas dentro de mim ficam essas





cenas. Porém como utilizar tudo isto? Decido desconsiderar, mas permaneço tenso. Alguns dias depois, a minha atenção é atraída por uma boina que Mimmo começa a usar, em absoluta dissonância com o restante das suas roupas. Certo dia, enquanto ele estava saindo, essa sai no chão, e eu me vejo “recolhendo a boina” (Na língua italiana, o termo “boina” se diz “basco”, usado também para indicar a etnia basca. N.d.T.)

Tenho, nesse momento, uma intuição que me permite correlacionar aquilo que eu tinha vivido, aquilo que tinha começado a notar em relação a uma tendência das minhas interpretações não suficientemente moduladas, com aquilo que está acontecendo e penso: “É exatamente o Basco que preciso recolher”. Na sessão seguinte faço, cautelosamente, entrar em cena esse personagem; se é a boina que cai e que talvez caiba a mim recolher, talvez seja um Basco de quem nunca tivemos conhecimento.

Desenvolve-se a partir desse momento, toda uma história sobre os Bascos, sobre a importância que as minas de *ferro* têm para a sua economia, sobre o particular caráter explosivo que os distingue, de como recentemente um jovem basco casou-se com uma prima a quem é muito ligado, de como passou a interessar-se pela língua deles que não parece pertencer a nenhum ramo conhecido... e, depois, as bombas... sobre a necessidade de independência dos Bascos... sobre a subjugação da identidade basca... e, na sessão seguinte, continuou falando de histórias de filmes, dos bisões das Américas... dos animais ferozes de uma viagem recente à África, onde o pai inesperadamente começou uma atividade de “import-export” até chegar ao drama dos Albaneses e das suas necessidades...

Uma breve reflexão sobre os personagens: inicialmente tinham sido reunidos na minha mente, a partir, provavelmente, das identificações projetivas de Mimmo: o Selvagem, o “Esquartejador” e, depois, pela sua forma de comunicação, “o Basco”. Tinha tais personagens, portanto, permitido tornar pensáveis e transformáveis zonas da sua mente divididas e letárgicas.

Inútil dizer que, por muito tempo, essas histórias ficaram “nos lugares” em que o paciente as colocava (Espanha, África, Albânia) antes de entrar, com o peso das emoções que comportavam, no campo emotivo e, portanto, na nossa relação e, enfim, na sua história pessoal. Um caso como esse propõe-nos dois problemas: aquele da *permeabilidade* em relação às identificações projetivas do paciente e, portanto, à necessidade que tudo aquilo que provenha do paciente possa encontrar acolhida, e o outro problema, também importante, é aquele do limite das hipóteses interpretativas.

Isto é, o Basco, o Ghana, etc., encontram o seu direito de acolhida, através de histórias e contos que têm a ver com a verdade emotiva do paciente e com a sua história, são as identificações projetivas, as emoções do paciente que devem entrar





Antonino Ferro

nas histórias e, *somente* essas.

Deve-se dizer que todas as vezes que isso não acontece, o paciente o assinala, como no caso de Rosa que veremos daqui a pouco; mas um escutar adequado permite sempre colher o *choro do texto* que poderá aparecer ou no próprio texto do paciente, ou na contratransferência, ou em qualquer outro lugar do campo.

Gostaria ainda de enfatizar, por exemplo, como os personagens, as narrativas, as lembranças, ou desenhos, evocados na sessão, podem ser representados por um vértice como “síntese de funcionamento” da dupla naquele momento, que mudam e se transformam continuamente, de acordo com seu interagir e as qualidades desse interagir (Ferro, 1993; Petrella, 1985; 1993).

Narcotização⁴ e choro do texto

Para permitir o desenvolvimento de uma história, existe um contínuo escolher entre as tantas histórias possíveis, uma história prevalente que é levada adiante. No fundo, é a interligação de sucessivos vértices narrativos (ou a interação de fatos pré-escolhidos) que permite o definir-se de um conto.

O texto emotivo-lingüístico que se tece com o paciente tem, a meu ver, uma característica particular, aquela que defini como “o choro” do texto, isto é, todas as vezes que a linha de desenvolvimento não é suficientemente correspondente ao projeto transformativo ($\beta \rightarrow \alpha$) (Bion, 1962), o mesmo campo torna-se o lugar da sinalização daquilo que está acontecendo, ou seja, aparecem “sinalizadores” de desvio de rota, que são mais freqüentemente trazidos pelo paciente, às vezes pelo analista ou pelos seus sonhos de contratransferência (Barale, Ferro, 1987).

a) Rosa e a doença proliferativa

Com Rosa, professora de filosofia de 25 anos, tivemos um primeiro encontro no qual decidimos a possibilidade da realização de um projeto de análise para o qual seria necessário esperar talvez um ano, pela minha dificuldade em ter tempo livre antes.

Durante esse primeiro encontro, Rosa consegue contar-me um episódio gravemente dramático que lhe aconteceu por ocasião de uma viagem e, muito determinada, me diz que, mesmo tendo que esperar para fazer a análise comigo, decidiu esperar-me, já que conseguiu inesperadamente contar-me “aquela alguma coisa” que nunca

4. Conceito derivado da narratologia que implica a limitação da expansão (n) de mundos possíveis (Eco, 1990).





consequira falar a ninguém. Eu, por minha vez, renuncio à idéia de não analisá-la em virtude do longo tempo de esperar e aceito o seu projeto. No segundo encontro, aparecem estas histórias, após nosso primeiro contato, “teve o desprazer – que foi grave – de deixar a escola onde estava bem... depois, começou uma história com *Marco*, um outro professor da escola, e *ele perdeu a cabeça*, envolveu-se de uma forma impressionante; durante esse período, teve também uma outra história com um outro colega, *Aurélio*, com o qual existe uma relação “*como tu me queres*”, e ela adora segui-lo em tudo; existe depois o namorado que lhe dá um lugar seguro e confiável, mas que não satisfaz algumas de suas exigências. E, finalmente, aparece a irmã menor com um “doença proliferativa” e a urgência de cuidados adequados.

Como pensar esses “*personagens*”?⁵

Uma teoria poderia ser aquela que os faz considerar na sua prevalência referencial, como personagens, portanto, da realidade externa, importantes para as emoções e para os sentimentos que ativam na paciente.

Ao mesmo tempo, poderiam ser considerados como personagens que se combinam, saturam as valências do mundo interno de Rosa. Portanto, a partir do referencial externo existe a possibilidade de se passar repentinamente a uma teoria (aquela dos objetos internos) que forma uma ponta em direção aos conjuntos internos de Rosa e em direção à sua organização: os personagens evocados de forma especular referem-se a objetos internos, a fantasias inconscientes e à projeção dessas por Rosa.

Essas projeções de fantasias inconscientes podem ser rapidamente reconhecidas na transferência e na relação que começa a se delinear no início do primeiro encontro; várias poderiam ser as formas de ver essas “figuras” como figuras de transferência e, portanto, de projeção, e de vê-las como antecipações diferentes da relação da transferência na análise (em termos de transferência de repetição, de transferência de exteriorização, da relação compreendida como alguma coisa de único e específico às duas mentes no *hic et nunc*, função da transferência, mas também das capacidades acolhedoras e transformativas da mente do analista) (Di Chiara, 1983; Manfredi Turillazzi, 1985; Ferro, 1992a e b; Meregnani, 1993).

Tais modalidades poderiam ser ou não ser *interpretadas* de acordo com o conjunto de considerações técnicas.

Mas existe um vértice ulterior, aquele em que se devem considerar, *em oscilação necessária com os outros*, tais personagens como expressão sincrética e narrável pictograficamente dos fatos emotivos ocorridos na sala de análise, nas recíprocas projeções de fantasias inconscientes existentes no campo bipessoal (Baranger M. e W., 1961-1962), ou melhor, no campo bigrupal que se iniciou e que apresenta *quatro*

5. Os “topic” seriam: por qual teoria vêm considerados? Qual é o tema que é considerado? (Eco, 1990).





Antonino Ferro

principais modalidades emotivas e histórias narráveis que poderão se delinear de acordo com a interação das mentes. Para modular tal interação, utiliza-se a função analítica e transformativa da mente do analista (Hautmann, 1981) (ou função de presídio transformativo – ativadora de histórias possíveis)⁶.

Naturalmente, interpretações diferentes estruturam uma história que a partir desse momento é consistentemente diferente: histórias diferentes à medida que se introduzem códigos interpretativos que colocam em primeiro plano a sedução, a identificação adesiva, a reconstrução histórica, etc..

Ao invés de decodificações interpretativas (que depois teriam gerado outros textos possíveis), opto por uma contribuição aberta ao desenvolvimento narrativo e digo que me parece que estamos diante de diferentes histórias: uma erótica, uma passional, uma mais afetiva.

Naturalmente, vejo-as como nossas possíveis tramas ou “fábulas”, todas passíveis de serem narradas. Mas o texto emotivo a quatro mãos (Nissim Momigliano, 1984) tem esta característica de “*ser vivo*”... de “*sangrar*” ou “*chorar*”, também pelas dilacerações de sentido que não são percebidas.

Após a minha intervenção, Rosa acrescenta: “Gostaria de ter feito medicina: fazer filosofia às vezes me parece um jogo muito excitante, mas masturbatório”.

Tive um momento de desorientação. De onde chegam “medicina”... “filosofia”... “masturbação”? São uma sinalização do texto, entendo isso logo depois. Considerei a existência de três histórias possíveis, mas desconsiderei a quarta (Cronin, penso, é a história da doença, mas também Kronos, da urgência da terapia/análise, da urgência em não perder tempo).

Nesse momento são exatamente as *histórias reprimidas mas necessárias que brotam para entrarem no texto*.

Poderia ter feito uma interpretação decodificadora. As teorias são numerosas: não perceber a autogeração do texto emotivo e atingir a teoria da inveja, da desconsideração, do ataque à união, ao -K; ou então, perceber a implicação emotiva do *hic et nunc explicitando o motivo do aparecimento daquela comunicação* (de acordo com Langs ou com o último Rosenfeld); ou então, renunciando à bizantinação do texto e à admiração do paciente, optar pela simplicidade da troca emotiva e perceber o *choro do texto*, introduzindo, (sem interpretação prévia) a preocupação pela “doença proliferativa”, “a luta contra o tempo”, “a urgência de tratamento”... Será o desenvolvimento do texto a narrar, ainda, que vai indicar se a intervenção foi adequada ou não...

6. Penso nessa função como uma função de fronteira, como aquela de *Dança com lobos*, em que o protagonista se deixa envolver nas histórias dos índios, se torna protagonista para, depois separar-se de novo deles e voltar à própria história após uma dupla transformação: aquela dos índios e aquela de si mesmo.





A atenção aos sinais do texto emotivo/narrado permite que não sejam desconsideradas histórias que devem ser contadas e transformadas e que possam permanecer escondidas todas as outras histórias que não tenham ligação com a emoção e a urgência do hoje.

O desenvolvimento da história compartilhada (Vallino Macció, 1993) constituirá, portanto, um reservatório que poderá ser utilizado por outros níveis de grupalidade: “o proliferar das emoções que já o primeiro encontro acendeu”... “o medo em relação ao que proliferava”... “a necessidade de terapias antiproliferativas”... “e qual a terapia mais eficaz” serão, depois, histórias a serem escritas sucessivamente, mesmo que seja passando através do texto da preocupação pela doença proliferativa, em relação à qual se pergunta se teremos tempo para intervir.

Encontro o tempo e o modo de antecipar o início da análise com Rosa.

Permeabilidade do campo e a lembrança de experiências novas

Um outro aspecto que gostaria de assinalar é aquele da necessidade de uma grande permeabilidade do campo, para que nisso possam encontrar acesso e transformação dos aspectos mais primitivos das mentes. Mas, a entrada de um personagem é somente o prelúdio para a sua transformação, transformação essa que creio possa permitir, como no célebre exemplo de Etchegoyen⁷, a construção de lembranças diferentes em relação ao mesmo “fato” e, eu acrescentaria também, a lembrança possível de fatos nunca acontecidos, à exceção do acontecimento dos mesmos na realização emotiva do agora⁸.

Somente com a finalidade de exercitar, consideremos que, após uma intervenção do analista, um paciente “lembra” o terror que sentia pelo próprio pai pugilista profissional... e como desde criança não tivesse nunca sido escutado pelo pai terrivelmente violento.

Como pensar essa “redescoberta”?

O pai pugilista assim redescoberto é certamente um achado importante e, sem dúvida, possui alguns componentes constitutivos que se referem à transferência (seja como repetição e como exteriorização), mas é também alguma coisa que se estrutura no campo naquele momento: é o modo como certas partes do paciente ouviram a

7. Onde o Autor mostra a transformar-se de uma lembrança de modo radical com a evolução da análise (Ferro, Meregnani, 1993a).

8. Qual valor “objetivo” podemos dar à lembrança se “produzida” no interior do “mesmo lugar” onde são produzidos os sonhos, ou seja, na transformação de elementos β em elementos α que somente como tais podem ser conservados (Bion, 1962).





Antonino Ferro

intervenção do analista-pai pugilista violento (que certamente agrega a violência que existe no campo, também no paciente, o qual produz identificações projetivas que entram no campo). Então, esse pai violento-pugilista está ali no campo que necessita ser transformado, graças ao “working through” do analista, graças à sua capacidade de gerir e transformar essa violência através das próprias intervenções medidas e contidas.

Serão naturalmente necessárias muitas passagens, meses ou anos de trabalho, para permitir a transformação desse personagem “pugilista violento” em um pai “que também amava pescar” ou “acompanhar as crianças à escola” ou “ser disponível com os amigos depois de um bom encontro”⁹. Ou seja, o estruturar-se no aqui e agora de um pai nascido no *hic et nunc* do encontro relacional e que irá, depois, habitar o Mundo Interno e a História, permitindo aquelas “lembranças de experiências novas” que são um dos fatos mais peculiares da nossa vida mental. E, não me refiro tanto à desobstrução de outras histórias possíveis, que ficaram obstruídas na história prevalente, fato que pressupõe, de qualquer modo, que experiências positivas tenham sido feitas em algum outro lugar, suspendendo todo o juízo sobre aquilo que não posso saber. Sei, com certeza, que no *hic et nunc* se reestruturarão (estruturam?) novos personagens, novas narrações que depois tornam (ou começam pela primeira vez?) a habitar História e Mundo Interno. Temos contínuos exemplos em análise, se renunciarmos a escutar as histórias dos pacientes despidas da repressão ou da distância da separação para considerar a novidade criativa.

Da mesma maneira, um personagem ou um sentimento, por exemplo, “o medo pelo pai violento”, não pode ser compreendido como participante das projeções das fantasias inconscientes do paciente, se entra em cena no início da sessão, para depois ser percebido, durante a sessão, como transformação em “pai competente”, pai esse que, em seguida, nasce da relação.

São, na realidade, de mundos e de leituras diferentes. O “pai violento” e, suponhamos, “o pai competente”, pertencem a todos os três eixos presentes no campo, todos os três poderão ser vistos na história, na fantasia inconsciente, na relação: existem somente as figuras positivas pertencentes à Relação e aquelas negativas ao Mundo Interno ou à História; o pai violento nasce, também ele, da Relação, das sessões precedentes, da interrupção... da falta de capacidade de percepção por parte do analista em um certo momento. E essa é a *realidade relacional do campo*, junto com a qual existe a realidade do mundo interno e a realidade histórica.

O lugar do conhecimento é a realidade do mundo interno e da História, o *único* lugar das transformações é a realidade emotiva da Relação no Campo.

9. Sempre que o analista tenha sido capaz de “pescar” os significados, de acompanhar o paciente nos seus recursos, de ser disponível nos encontros. etc..





O analista competente levará em consideração a violência “do pai”, não indo além do campo, defendendo-se ao mover aquela emoção na História ou no Mundo Interno do paciente, mas perguntar-se-á por qual vértice (estranho, absurdo, psicótico) *é verdadeiro, para aquele paciente, naquele momento, um pai que suscita terror* (sempre levando em conta que o seu modo de ser é superdeterminado também pelas identificações projetivas e tomadas em posição do paciente e, como deve se colocar, como deve se *transformar*, para permitir a transformação daquele pai em um outro sensível às necessidades emotivas do filho e etc., por assim dizer, para suscitar afeto e gratidão.

Essa transformação relacional no campo daria vida a uma nova configuração do “pai” que, depois, poderá se constituir como lembrança de um fato novo na história e novo habitante do *campo da fantasia inconsciente*.

Naturalmente, os exemplos poderiam ser multiplicados infinitamente, mas creio ter esclarecido o que entendo quando afirmo que o lugar da transformação é o *hic et nunc* da situação analítica e, mais precisamente, o lugar onde iniciam todas as transformações é a mente do analista.

No fundo, um discurso análogo poderia valer para a entrada na sessão de um personagem qualquer, “Francesco”, naturalmente “Francesco”, que muito provavelmente tenha uma relação externa verdadeira com os fatos pelos quais venha a ser considerado. É possível que “Francesco” “represente” algum aspecto do paciente. “Francesco” provavelmente existe nos funcionamentos divididos do paciente, por meio de suas modalidades, das quais não é consciente, ou que seja um tipo, o amigo secreto” de Conrad (Gaburri, 1986), um habitante da vida mental do analista. Muito provavelmente seja tudo isso, mas *é certo que* “Francesco” se relaciona com o campo emotivo-lingüístico-afetivo no interior do qual se delineou, ou melhor – que depois dá no mesmo – se nominou (Bezoari, Ferro, 1989, Iggo, 1991, 1992).

Devo, então perguntar-me quais são os vetores emotivos do campo que trouxeram “Francesco”, ali, naquele momento, naquela narração e ver quais transformações serão depois possíveis para o “personagem do campo” e “das suas relações”.

Isso é significativo e terapêutico porque, depois, todas essas novas situações tornarão a informar-lhe o Mundo Interno e a História.

É evidente a diferença existente entre esse modelo e outros, mesmo presentes no campo, que olham para a História como história real externa ou para as projeções das fantasias inconscientes como relacionadas ao funcionamento mental do paciente em um “solo”. E, como por conhecimento e por *insight*, esse modelo substitui a transformação através da metabolização de elementos beta por parte do analista.

A interpretação perde a sua centralidade e é substituída pelo trabalho mental feito pelo analista na sessão, ao permitir sempre mais a presença no campo de um





Antonino Ferro

gradiente $\beta \rightarrow \alpha$; a vitória ou a falência dessa operação será continuamente renarrada pelo paciente através das histórias, dos fatos, dos personagens que trará na sessão.

Tal modalidade de ver o que acontece no campo é radicalmente diferente em relação ao conceito de *experiência emocional corretiva*, já que não está em jogo o modo de ser do analista, afetuoso ou compreensivo, a ponto de se constituir em uma nova experiência positiva; trata-se de completar *experiências emocionais transformativas*, o que exige um grau máximo de permeabilidade do analista e do campo, em todos os aspectos da transferência do mundo interno do paciente que serão veiculados pela repetição e pelas identificações projetivas (Tagliacozzo, 1982; Lissana, 1991). Está em jogo, portanto, uma conceitualização dinâmica do inconsciente, como lugar e processo em contínua formação e transformação, não como lugar-depósito das repressões, mas como lugar-espaco-modalidade em contínua formação e transformação, como foi descrito por Bion, como se fosse uma barreira de contato, constante, como um fecho que se “abre”, distinguindo e separando os territórios do consciente daqueles do inconsciente (Bion, 1962).

Se quiséssemos reconsiderar o exemplo do pai pugilista, seria absolutamente necessário um pré-requisito para todos os tipos de transformação, que tal “violência” pudesse entrar no campo através de qualquer “janela”, através das palavras do paciente, das suas emoções, do seu modo de comunicar ou por parte do analista com sua violência interpretativa.

Os eixos da sessão (histórico-relacional, das fantasias inconscientes, de campo) são sincrônicos e distinguíveis somente de acordo com o vértice em que se situam; cada um é, por si só, coerente, isotópico e autoconfirmador. Somente a oscilação dos vértices de escuta pode permitir uma visão pluridimensional, capaz de dar consistência à História, ao Mundo Interno, à Relação, ao Campo Emotivo e ao modo de colocar-se do paciente no interior desses mundos possíveis (Ferro, 1991a e b; 1993).

Conclusões e princípios

1) Estou interessado nas formas lingüístico-pictóricas que permitam o delineamento, a descrição, a evolução transformativa das emoções que vivem no campo.

2) O campo emotivo é estruturado a partir das emoções da História e do Mundo Interno: os personagens da sessão podem ser vistos por vértices diferentes: histórico-referenciais, habitantes do mundo interno, “agregados funcionais”.

3) Os hologramas afetivos, os personagens compreendidos como expressões tridimensionais, parecem-me constituir um vértice importante de compreensão da sessão, *esse vértice não pode ser nem único nem constante*.





4) O diálogo é compreendido na qualidade de permitir operações transformativas cujo lugar privilegiado considero a mente do analista.

5) Fio condutor é o pensamento onírico do estado de vigília do qual podemos perceber os derivados próximos também nas livres associações que possuem a característica de veicular de qualquer forma, algum gradiente de oniricidade.

6) O sonho, exatamente pelo seu alto teor de elementos alfa, é a comunicação que menos precisa ser “interpretada”, mas já está pronta seja para a sua função de monitoramento do campo, seja para assinalar as novas soluções que o campo realiza; o sonho é o elemento mais acabado e trabalhado para criar narrativas ulteriormente transformativas.

7) São peculiares ao texto da sessão analítica o fenômeno do choro do texto e a “lembança de experiências novas”.

8) A permeabilidade da mente do analista e do campo são pré-requisitos indispensáveis para que possam ser transformadas as áreas primitivas da mente.

9) A ativação de mundos veiculados pela transferência e pelas identificações projetivas em contínua oscilação, criam infinitas aberturas de sentido e a necessidade de respeitar os direitos do texto emotivo do paciente. □

Summary

The author presents some reflections on the analytical process, in which interact the analyst's and patient's mind.

He shows the intense work that must occur in the analyst's mind – how it could be permeable – allowing that the transformations occur and maintain itself in the patient's mind.

Referências

- BARALE, F.; FERRO, A. (1987). Sofferenza mentale dell'analista e sogni di controtransfert. *Riv. Psicoanal.* 33, 219-233
- BARALE, F.; FERRO, A. (1992). Reazioni terapeutiche negative e microfratture nella comunicazione analitica. In: L. Nissim Momigliano, A. Robutti (a cura di), *L'esperienza condivisa*, Cortina, Milano.
- BARANGER, M.; BARANGER W. (1961-62). La situazione analitica come campo dinamico. In: *La situazione psicoanalitica come campo biperpersonale*, Cortina, Milano, 1990.
- BEZOARI, M.; FERRO, A. (1989). Interpretazione e funzioni trasformative nel dialogo analitico. *Riv. Psicoanal.* 35, 1015-1051.





Antonino Ferro

- BEZOARI, M.; FERRO, A. (1990). Elementos de un modelo del campo analítico: los agregados funcionales. *Revista de Psicoanálisis* 5/6.
- BEZOARI, M.; FERRO, A. (1991a). Oscillazioni significati affetti. *Riv. Psicoanal.* 2, XXXVIII.
- BEZOARI, M.; FERRO, A. (1991b). Percorsi nel campo bipersonale dell'analisi: dal gioco delle parti alle trasformazioni di coppia. *Riv. Psicoanal.* 37, 5-47.
- BEZOARI, M.; FERRO, A. (1992). El sueño dentro de una teoría del campo: los agregados funcionales. In corso di pubblicazione su *Revista de Psicoanálisis*.
- BION, W.R. (1962). *Apprendere dalla esperienza*. Armando, Roma, 1972.
- BION, W.R. (1965). *Trasformazioni*. Armando, Roma, 1973.
- CAVAZZONI, E. (1990). *Il poema dei lunatici*. Boringhieri, Torino.
- CORRAO, F. (1991). Trasformazioni narrative. In: A. Ammaniti, D.N. Stern (a cura di), *Rappresentazioni e narrazioni*, La Terza, Bari.
- DI CHIARA, G. (1983). La fiaba della mano verde o dell'identificazione proiettiva. *Riv. Psicoanal.* 4, 459.
- ECO, U. (1962). Opera aperta. *Forma e indeterminazione nelle poetiche contemporanee*. Bompiani, Milano.
- ECO, U. (1979). *Lector in fabula*. Bompiani, Milano.
- ECO, U. (1990). *I limiti dell'interpretazione*. Bompiani, Milano.
- FERRO, A. (1991a). From Raging Bull to Theseus: the Long Path of a Transformation. *Int. J. Psycho-Anal.* 72, 417-425.
- FERRO, A. (1991b). La mente del analista en su trabajo: problemas, riegos, necessitades. *Revista de Psicoanálisis* 5/6.
- FERRO, A. (1992a). Due Autori in cerca di Personaggi: la Relazione, il Campo, la Storia. *Riv. Psicoanal.* 1, XXXVIII, 45-91.
- FERRO, A. (1992b). *La tecnica della Psicoanalisi Infantile. Il bambino e l'analista: dalla relazione al campo emotivo*. Cortina, Milano.
- FERRO, A. (1993a). From Hallucination to Dream: from Evacuation to the Tolerability of Pain in the Analysis of a Preadolescent. In corso di stampa su *The Psychoanalytical Review*.
- FERRO, A. (1993b). The Impasse within a Theory of the Analytic Field: Possible Vertices of Observation. In corso di stampa su *Int. J. Psycho-Anal.*
- FERRO, A., MEREGNANI, A. (1993a). Listening and Transformative Functions in the Psychoanalytical Dialogue. In corso di stampa su *Bollettino F.E.P.*
- FERRO, A., MEREGNANI, A. (1993b). Criteri di analizzabilità e assetto mentale dell'analista nelle interviste preliminari. In corso di pubblicazione.
- FERRO, A. (1993). Mundos posibles y Capacidades negativas del analista en su trabajo. Relazione presentata al III Congreso Iberico e Psicoanálisis, Barcellona, 30-31 de octubre de 1993.
- GABURRI, E. (1986). Dal gemello immaginario al compagno segreto. *Riv. Psicoanal.* 32, 4, 509-520.
- HAUTMANN, G. (1981). Il mio debito con Bion: dalla psicoanalisi come teoria alla psicoanalisi come funzione della mente. *Riv. Psicoanal.* 27, 558-572.
- LUSSANA, P. (1991). Dall'interpretazione kleiniana all'interpretazione bioniana, attraverso l'osservazione dell'infante. In corso di pubblicazione.
- MANFREDI TURILLAZZI, O. (1985). L'unicorno. Saggio sulla fantasia e l'oggetto nel concetto di identificazione proiettiva. *Riv. Psicoanal.* 31, 462-477.
- NISSIM MOMIGLIANO, L. (1984). Due persone che parlano in una stanza. (Una ricerca sul dialogo analitico). *Riv. Psicoanal.* 30,1, 1-17.
- PAVEL, T.J. (1976). Possible Worlds in Literaty Semantics. *Journal of Aesthetics and Art. Criticism* 34, 2, 165.
- PETOFI, J.S. (1975). *Vers une Theorie partielle du texte*. Buske, Hamburg.
- PETRELLA, F. (1985). *La mente come teatro*. Centro Scientifico Torinese, Torino.

62 □ Revista de Psicanálise, Vol. III, N° 1, abril 1996





O diálogo analítico: Constituição e transformação de mundos possíveis

- PETRELLA, F. (1993). Percezione endopsichica / fenomeno funzionale. In corso di pubblicazione su *Riv. Psicoanal.*
- PLATINGA, A. (1974). *The nature of necessity*. Oxford University Press, Londra.
- TAGLIACOZZO, R. (1982). La pensabilità: una meta della psicoanalisi. In G. Di Chiara (a cura di) *Itinerari della psicoanalisi*, Loescher, Torino.
- VALLINO MACCIÒ, D. (1993). Una storia, le storie, i sogni dell'analisi dei bambini. Letto al Centro Milanese di Psicoanalisi, 25 marzo 1993.
- VAN DIJK, T.A. (1975). Pragmatics and Poetics. In *Pragmatics of language and literature*. North Holland, Amsterdam.

Tradução de **Kurt Yahn**

Revisão técnica de **Dr. Paulo Figueiredo**

Antonino Ferro
Via Cardano, 77
27100 – Pavia – Itália

© Revista de Psicanálise – SPPA